

LINGUAGEM: UMA NOÇÃO

Catarina de Sena Costa (*)

É usual iniciar uma discussão acerca de um dado tema, definindo o seu termo central ou apresentando suas diversas acepções consagradas no corpo de uma teoria ou considerando-o consensual entre os especialistas da área de conhecimento em que se inclui, para se constituir em bases para o debate. Aqui, porém, esse procedimento não será seguido, por três motivos:

1º - porque o termo linguagem nos remete a uma diversidade de conceitos e recobre fenômenos tão diversos que transforma sua significação muito complexa, carente de univocidade e, portanto, de difícil compreensão; enumerá-los para a discussão não seria produtivo e nem constitui o objetivo deste Seminário;

2º - O termo "Linguagem" aqui é uma parte componente de um termo mais complexo: "Linguagem e Educação", do mesmo modo que o termo "Educação" e os dois termos a serem considerados interdisciplinarmente. Dessa forma, qualquer consideração acerca de qualquer dos termos, aqui, deverá estar em relação aos demais, no sentido da totalidade significativa do tema geral e mais inclusivo.

3º - Qualquer consideração, noção, definição ou conceituação que aqui se apresente acerca de qualquer termo, conceito, objeto de estudo ou fato científico de ordem disciplinar terá caráter provisório, ou mesmo embrionário, enquanto etapa de uma construção, em obediência à natureza interdisciplinar de que a discussão pretende se revestir.

Assim, nos ateremos mais aos aspectos que consideramos indispensáveis ao entendimento do termo linguagem na sua relação com o termo educação e aos fatos sociais que representam, justificando,

(*) Professora Visitante do Curso de Mestrado em Educação - UFPI

Rev. do Mest. em Educ.	Teresina	v.1 nº1	pp. 39-45	1996
------------------------	----------	---------	-----------	------

sempre que possível, a necessidade da abordagem interdisciplinar desses termos em virtude da realidade concreta que, enquanto termos, eles nos representam à consciência.

Os termos Linguagem e Educação nos representam um campo de estudos e um setor da realidade concreta que, mais do que qualquer outro, abarca e inclui o objeto primordial de qualquer ciência humana: o homem. Como tal, este é um sujeito que vive, pensa, age, fala e conhece, num mundo concreto e numa complexidade de interrelações, de modo que a produção de conhecimentos, no processo e no produto, acerca desse objeto deverá estar em conformidade com a própria realidade investigada, considerando toda a sua complexidade. Em resumo, isto significa que o conhecimento de uma realidade complexa é complexo e o processo de produção também se reveste de complexidade; complexidade que dificulta o seu tratamento de forma unilateral, isolada, disciplinar.

Aquilo que qualquer ser humano imediatamente constata para além de si mesmo é a alteridade relativamente caótica do mundo ou, pelo menos, uma continuidade objetiva indivisível do real. A relatividade está no fato de que reconhecer a alteridade do mundo já supõe um princípio de ordem. Para uns essa ordem é subjetivamente imposta pelo próprio homem através de sua estrutura cerebral, como para Lévi-Strauss, por exemplo, (cf. Costa, 1995) ou de categorias de entendimento construídas a partir do próprio mundo, enfim, através do pensamento, como em Piaget (cf. Deheizelin, 1994) ou até mesmo de um acordo social entre os homens, como em Durkheim (cf. Costa, 1995). Diz-se que o processo de construção do próprio pensamento é um ato de linguagem (cf. Franchi, 1992) que o processo de ordenação da realidade objetiva, de classificação dos objetos que nela se incluem, das relações que o homem aí mantém é uma função da língua, e ocorrem por meio dela, que não se confunde com a linguagem, sendo "...somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente" (Saussure, 1975:17). "Conforme essa ordenação do mundo é que se dão as relações do homem com o mundo, aí incluído o próprio homem, onde a linguagem se instaura constituinte e constituída, ora como meio, ora como produto dessas relações (cf. Godelier, 1981; Costa, 1989; Franchi, 1992).

Vale esclarecer ainda que segundo Saussure “ O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das idéias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades” (Saussure, 1975:131) Com relação à linguagem, sua concepção é de que “é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e social; não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (Saussure, 1975:17).

Sobre essa concepção de Saussure, Franchi refere-se como mais um dos paradoxos no seu ‘curso de lingüística’ (Cf. Franchi, 1992). Segundo Franchi, “A concepção institucional da linguagem, em Saussure por exemplo, conduz a um esvaziamento da própria ‘linguagem’ e a um privilégio da noção de língua como o conjunto das convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa ‘faculdade’ pelos indivíduos”: a linguagem, ao contrário da língua (que constitui um princípio de ordenação e classificação), não tem por si nenhuma propriedade que a determine, que se reflita no resultado mesmo a que se dispõe - a elaboração de sistemas de símbolos(Franchi, 1992:10).

Nesse processo, como em todo processo relacional, o que de mais imediato se percebe são os fatos físicos, concretos, sensoriais. E nas relações concretas dos homens entre si e com o mundo o que mais imediatamente se percebe são homens articulando sons vocais ou por outros meios, que estão para além das reações instintivas naturais; configurando as mais variadas posturas e gestos corporais que estão para além das formas naturais do andar, do correr, do sentar ou do deitar; produzindo expressões faciais que transcendem os limites das reações biológicas; compondo e direcionando olhares especiais que ultrapassam o ato simples de ver. Esses fatos são, portanto, da ordem da cultura; são socialmente construídos, dotados de significação e como tais interpretados pelos seres humanos, sendo que alguns destes são especialistas nessas interpretações.

Essas ações sociais concretas é que fazem surgir no âmbito dos estudos sobre o humano as noções, conceitos e definições de fala, língua e linguagem, dentre outros.

Esse conjunto de ações concretas produzidas pelos homens nas suas relações entre si e com o mundo às quais se pode referir, provisoriamente, como comunicativas são os elementos a partir dos quais se pode iniciar a tentativa de uma definição de linguagem. Tal definição formal há que considerar esses diversos usos e a variabilidade de usos dos diversos meios derivados de linguagem no ambiente social considerado, para se poder buscar construir ao nível da teoria uma re(a)presentação condizente com a realidade re(a)presentada.

Do mesmo modo que se pode perceber numa sociedade ou grupo de pessoas um conjunto de ações concretas às quais podemos atribuir um caráter comunicativo, podemos também perceber um conjunto de ações concretas às quais podemos atribuir um caráter educacional. O simples fato de muitas dessas ações terem o objetivo na maioria das vezes explícito, de reproduzir para outros homens, e ensiná-los a praticar todas essas ações, indica, nesse caso, uma ação educacional de produção e reprodução das relações sociais.

Assim, linguagem e educação são fatos de uma mesma natureza, como também o são todos os demais fatos na ordem da cultura e mantêm todos entre si alguma relação por mais distante ou mais próxima que seja. A proximidade entre linguagem e educação parece muito óbvia.

De início, tentaremos situar a noção de linguagem no contexto educacional na medida em que se constitui indubitavelmente um componente necessário, básico mesmo, de toda e qualquer relação pedagógica que possa ser caracterizada como de ensino-aprendizagem. E nesse sentido, ainda que não seja em caráter definitivo, consideraremos linguagem como um processo ou atividade humana "...disponível ao atendimento das necessidades e intenções das mais variadas condições de comunicação." (Chomsky apud Franchi, 1992: 26)

Os problemas ditos de linguagem na atividade educacional constituem os mais cruciais. Considerada o principal produto cultural e principal instrumento de transmissão do saber na escola, paradoxalmente

o que se constata ao longo da história é a utilização da linguagem pela escola como instrumento de controle e estigmatização social, de alunos de classes sociais economicamente menos favorecidas (Cf. Soares, 1987). Disso infere-se que a escola transmite ou pretende transmitir um saber que a despeito de ser socialmente produzido se opõe e pretende se sobrepor a outros saberes também socialmente construídos através de ações e relações entre os homens. E porquanto a linguagem constitua um leque de manifestações, a escola tem demonstrado preferência especial por apenas algumas delas, no caso a forma falada e escrita, e, principalmente esta última, em modalidades de usos no mais das vezes amplamente distintos daquelas modalidades utilizadas pelos alunos.

Por outro lado, os estudos e pesquisas nesse campo têm se restringido em grande medida à investigação de manifestações estritamente verbais da língua vista na sua oralidade, quando deveria abarcar todo tipo de manifestação lingüística, tanto nas formas orais como escritas, expressões visuais, movimentos corporais, gestos faciais, etc.. desde que pertinentes socialmente como derivados da língua, conforme se pode constatar na proposta teórico-metodológica da Etnografia da Fala (Cf. Hymes, 1972). Inclusive deveria abarcar qualquer outro objeto de investigação que tenha a comunicação como uma de suas funções e que dado o seu caráter simbólico se defina por suas relações com o mundo e com a cultura. Um exemplo desse último caso, pode-se citar uma investigação sobre a arte e o papel do artista, realizada por Terezinha Moreira em que discute a arte também como uma linguagem a partir de estudos de Jakobson acerca da função poética da linguagem (Moreira, 1995).

Mas essa função de comunicabilidade da linguagem, por seu valor simbólico, se por um lado garante seu lugar nas relações humanas, condição social de sua realização, por outro, não é considerada suficiente como condição humana enquanto “uma ‘ação’ livre e ativa e criadora” (sic!). (Cf. Franchi, 1992: 25). Citando Humboldt, Franchi conclui que “a linguagem é um meio de revisão de categorias e criação de novas estruturas” (Franchi, 1992:32); e que não é somente um processo de representação mas também uma prática imaginativa. (Cf. Franchi, 1992).

Daí o seu aspecto construtivo, ou seja, de construção do pensamento. Nesse sentido, a convicção de que se a compreensão da linguagem na sua função social concreta de comunicar, promover a interação e até de influenciar ações e atitudes constitui o ponto de partida para a concepção de qualquer ação que seja condizente com sua realidade, não é, porém o ponto de chegada, haja vista o seu aspecto constitutivo, informativo do pensamento, não enquanto um “pensar e significar” lógicos, mas como capaz de... “pelo menos renovar-se, ultrapassando as convenções e as heranças...” e “...é também o instrumento da intervenção e da dialética entre cada um de nós e o mundo” (Franchi, 1992:26)

A garantia dessa ultrapassagem está no dinamismo do processo de sempre-construção da linguagem, de caráter ilimitado como as possibilidades do pensamento. Pensamento que se por um lado confere uma unidade psíquica à humanidade dotando todos os homens de uma e mesma racionalidade qualitativamente igual, por outro lado, permite a esses mesmos homens intelectualmente idênticos em natureza humana, diferenciar-se social e culturalmente por conta dessas possibilidades ilimitadas do pensamento. A linguagem se afirma aí, pois, tanto como unificação ou tentativa de unificação da diversidade quanto como diversificação da unidade, em que pesem serem todas as relações sociais da mesma natureza.

Na medida em que a realidade não está cristalizada e estabelecida de uma vez para sempre, convém observá-la com muitos olhos e olhares que vão além do simples ato de olhar; que não seja também somente uma soma de visões diversas, mas uma unificação das vistas, uma verdadeira ação de linguagem na perspectiva em que a estamos até aqui considerando.

Essas concepções de linguagem, embora apresentadas sucintamente, visam a ancorar a 2ª parte do tema proposto: “Oralidade, leitura e escrita”, conceitos que serão introduzidos e aprofundados posteriormente. Apesar de comporem aqui uma mesma perspectiva e as investigações sobre os mesmos também levarem em conta essa composição uma vez que se relacionam com o mesmo objeto de estudo, no âmbito do Mestrado em Educação eles são tratados em áreas de

estudo distintas, a saber, Psicolinguística e Educação, Sociolinguística e Educação e Leitura e Ensino.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *A favor de Marx*. Zahar, Rio de Janeiro.
- BEVENISTE, E. (1979) *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo, Pontes.
- BOURDIEU, P. (1975) *El oficio del sociólogo*. Buenos Aires, Siglo Veinteuno.
- BOURDIEU, P. (1989) *O poder simbólico*. Lisboa, Difel.
- COSTA, C. de Sena. (1989). *Pelas falas do Canto: uma etnografia*. Campinas, UNICAMP-IEL. (Tese de Doutorado).
- _____. (1995). *A perspectiva interdisciplinar no Curso de Mestrado em Educação*. Teresina, UFPI-Curso de Mestrado em Educação.
- COSTA, J. I. da. (1995) *Durkheim, Lévi-Strauss e a Antropologia*. - Textos de Aula. Teresina, UFPI-DEFI.
- DEHEINZELIN, M. (1994) *A fome com a vontade de comer: uma proposta curricular de educação infantil*. Petrópolis, Vozes.
- FRANCHI, C.. (1992) "Linguagem - atividade constitutiva". In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. nº 22. UNICAMP-IEL, Campinas. p. 9-40.
- GODELIER, M.. (1981) "A parte ideal do real". In: CARVALHO, Edgar de Assis (org.) *Godelier*. São Paulo, Ática. p. 185-203
- JAKOBSON, R.. (1974) "À procura da essência da linguagem". In: *Linguagem e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1974. p. 98-117.
- MOREIRA, T. M. L.. (1995) *O artífice, o artista, o cientista e o cidadão: uma análise sobre a arte e o papel do artista nas vanguardas*. (dissertação de Mestrado). UFPI-Curso de Mestrado em Educação.
- SOARES, M.. (1989) *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo.
- SAUSSURE, F. (1975) *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix.